

A IDEOLOGIA E O ASPECTO SOCIAL EM FOGO MORTO¹
THE IDEOLOGY AND THE SOCIAL ASPECT IN “DEAD FIRE”.

Flavia Regina Pithan Ferreira²

Marta Lia genro Apper³

RESUMO

Este trabalho possui como título A ideologia e o aspecto social em Fogo Morto, de José Lins do Rego, e concentra-se na análise do romance Fogo Morto, a partir da suposição teórica da sociologia. Sabe-se que a literatura enfoca o contexto histórico e social do período a que se refere. E assim, as partes que constituem o estudo que segue, são: ideologia, seu trajeto e influência na literatura; particularidades da narrativa em foco; o entrecruzamento de discursos: o social e a intenção crítica e, por fim, a conclusão. A literatura registra as expressões sociais, religiosas e jurídicas que constituem a realidade ficcionalizada. O artigo, portanto, propõe uma análise da obra Fogo Morto, a partir de um motivo interdisciplinar, atribuindo especial atenção à ideologia e à sociologia expressas na literatura brasileira, no período modernista.

Palavras-chave: Literatura, Ideologia, Crítica, Social.

ABSTRACT

The current study entitled The Ideology and the Social Aspect in “Fogo Morto”, by José Lins do Rego focus on the analysis of the “Fogo Morto” novel, starting from the theoretical assumptions of Sociology. It is know that Literature encompasses the historical context of the social period it belongs. And, thus, the parts that make up the present study are: the ideology, its course and the influence in literature; particularities of the narrative and the crossing to the discourses. The social and the critical intention. Literature registers the social, religious, politics, and juridical expressions that make up fictionalized reality. The article proposes an analysis of Rego’s work in an

¹ Trabalho Final do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

² Aluna do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

inter discipline motive, giving evidence to the importance of the ideology and the sociology in Brazilian Literature – Modernism period.

Key words: literature, ideology, social critical intention.

INTRODUÇÃO

Fogo morto, de José Lins do Rego, é uma das poucas obras da Literatura Brasileira em que aparece o tema da contestação armada à ordem vigente. Personagens que, em sua dramática situação de não terem posses, vêem com clareza essa alternativa: o cangaço é a única forma de se oporem à ordem de um mundo estático e sem perspectivas para os despossuídos. Contudo, existe uma saída, embora utópica, tanto pela pressão política como diretamente pela pressão das armas. As formas legais dominam o contexto, o povo acaba tornando-se massa de manobra dos políticos e sua derrota é uma questão inevitável.

O objetivo é, por conseguinte, analisar a presença e a importância da ideologia e do social no romance. Desse enfoque, parte-se, primeiramente, de como a ideologia é possível, descrevendo seu percurso: qual sua origem, seus fins, seus mecanismos e efeitos históricos, sociais e econômicos numa concepção marxista. Em seguida, será abordada a presença da ideologia na literatura, porque se entende que toda obra apresenta-se comprometida com a ideologia, ou seja, a obra é a expressão da ideologia do autor, um instrumento de conscientização política por meio da qual se pode adquirir conhecimentos e aprimorar as relações com o mundo, tomando assim uma posição mais crítica e engajada na sociedade em que estamos inseridos.

Serão apontadas também as possíveis formas em que a ideologia pode ser analisada no contexto da narrativa, por meio de uma interpretação crítica acerca da importância do espaço físico, personagens e linguagem. Procura-se evidenciar, nas três partes em que está dividida a obra, os aspectos negativos sob a ótica de uma sociedade em que prevalece o poder e a exploração.

Destaca-se, por último, a relação entre os discursos apresentados por Lins do Rego: o social e a crítica, atestando sua circunstância de denúncia diante de um mundo de contradições e injustiças. Tal contexto remete para a histórica situação de domínio e exploração de que era e ainda é vítima o povo nordestino, preso a raízes telúricas profundas, ao mesmo tempo num esforço dramático de libertação para o reencontro de uma justa condição humana.

Entende-se que essa abordagem torna significativo um engajamento

dentro de uma visão crítica da ideologia, em que se procura, a seguir, levar o leitor a uma análise mais consciente, tendo por subsídio a obra literária como alerta às questões sociais do país.

A IDEOLOGIA, SEU PERCURSO E INFLUÊNCIA NA LITERATURA

A palavra ideologia foi inicialmente usada por Destutt de Tracy ao fim do século XVIII e designava a ciência da gênese e das idéias que se propunha a fundar. Essa palavra foi reapropriada por Napoleão Bonaparte, que lhe deu um sentido moderno (BOUDON, 1989, p.35).

O termo ideologia segue caminhos tortuosos: tem início com um sentido que lhe foi atribuído por Tracy, em seguida, esse é alterado por Napoleão e, mais adiante, por volta da primeira metade do século XIX, o estudo é retomado por Karl Marx que lhe dá um outro significado como segue:

O conceito de ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as idéias aparecem como motor da vida real. Mais tarde, Marx amplia o conceito e fala das formas ideológicas através das quais os indivíduos tomam consciência da vida real, ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real. Para Marx, a ideologia é um conceito crítico que implica ilusão, ou se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante: as idéias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade (LÔWY, 1993, p.12).

Em suas reflexões, Marx descobriu um novo objeto, as realidades econômicas, e um novo alicerce, o homem real, que se define pela ação (a filosofia não pretende mais pensar o mundo, mas transformá-lo). De acordo com o materialismo dialético marxista, a matéria independe do pensamento e se desenvolve por meio de uma sucessão de oposições ou negações.

Nas considerações sobre “a ideologia em geral”, Marx e Engels determinam o momento de surgimento das tecnologias no instante em que a divisão social do trabalho separa o trabalho material ou manual e trabalho intelectual. Para se entender essa separação, precisa-se acompanhar o processo da divisão social do trabalho. Os homens, segundo Marx e Engels, distinguem-se dos animais não porque tenham consciência, mas porque produzem as condições de sua própria existência material e espiritual. São o que produzem e são como produzem.

A produção e reprodução das condições de existência pelo trabalho (relação com a natureza), da divisão do trabalho (relação de intercâmbio e de cooperação entre os homens), da procriação (sexualidade e família), constituem, em cada época, o conjunto das forças produtivas que determinam e são determinadas pela desigualdade social ou pela forma de propriedade.

Essas transformações sociais da forma de propriedade e da divisão do trabalho dão origem à propriedade privada capitalista, ou seja, de um lado os proprietários privados do capital (portanto, dos meios, condições e instrumentos, da produção e da distribuição) que são também os proprietários do produto do trabalho e, de outro lado, os trabalhadores despossuídos que dispõem exclusivamente de sua força de trabalho vendendo-a como mercadoria ao proprietário do capital.

A divisão social do trabalho torna-se completa, quando o trabalho material e o espiritual se separam, dando origem à ideologia propriamente dita, isto é, ao sistema ordenado de idéias ou representações bem como das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência e, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação por meio de suas idéias.

Marx e Engels (1977) consideram que os três aspectos condicionantes para que haja História – força de produção, relações sociais e consciência – entram em contradição como resultado da divisão social do trabalho material e intelectual, porque agora o trabalho é a fruição, a produção e o consumo aparecem como realmente são, ou seja, a percepção da desigualdade social uns pensam, outros trabalham, uns consomem, outros produzem e não podem consumir os produtos de seu trabalho.

Outra oposição mais aguda é aquela existente entre os interesses de um indivíduo ou de uma família particular e os interesses coletivos, pois onde houver propriedade privada não pode haver interesse social comum.

Assim como da divisão entre o trabalho material e intelectual e da separação entre os homens, em classes sociais particulares, com interesses individuais contraditórios, nasce a idéia de um interesse geral ou comum que se encarna numa instituição determinada: o Estado.

O Estado aparece como realização do interesse geral, porém, na realidade, ele é a forma pela qual os interesses da parte mais forte e poderosa da sociedade (a classe dos proprietários) ganham a aparência de interesses de toda a sociedade.

A sociedade civil, concebida como um indivíduo coletivo, é uma das grandes idéias da ideologia burguesa para ocultar que a sociedade civil é a produção e reprodução da divisão em classes e é luta de classes. Isso signi-

fica que a sociedade não pode ser o sujeito da história, mas sim, as classes sociais.

A ideologia burguesa, por seus intelectuais, traduz a idéia de que os homens são desiguais por natureza e pelas condições sociais, todavia, são iguais perante a lei e perante o Estado, escondendo que a lei foi feita pelos dominantes e que o Estado é instrumento dos dominantes.

A ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas serão o que são em decorrência da ação de certas entidades (a natureza, os deuses ou Deus, a razão ou a ciência, a sociedade, o Estado) que existem em si e por si e às quais é legítimo e legal que se submetam. Seu papel é fazer com que, no lugar dos dominantes, apareçam idéias “verdadeiras”.

Para a ideologia, toda a história é o progresso das nações, dos Estados, das ciências, das artes, das técnicas.

A burguesia e seus ideólogos justificam o direito do capitalismo de colonizar os povos ditos “primitivos” ou “atrasados”, para que se beneficiem dos “progressos da civilização”.

Hoje, após mais de um século da institucionalização do conceito de ideologia, sabe-se que

A ciência, a modernização e a tecnologia superaram a luta ideológica. A ideologia nascente pode assumir elementos do neoliberalismo, criar uma nova alternativa e, a partir daí, iniciar novo processo de luta ideológica. A nova ideologia pretende criar uma consciência planetária, unificar toda humanidade, sem exclusão de contingentes gigantescos de pobres; limitar a soberania nacional irrestrita, sobretudo nos países mais ricos. Para isso faz-se necessário criar instâncias mundiais, com poder legislativo, executivo e judiciário que escapem do controle dominador das nações poderosas e que se instituem a partir do consenso dessas mesmas nações (LIBANEO, 1997, p.30).

A partir dessas descrições, a literatura apresenta-se comprometida com a ideologia, pois sendo uma arte, engloba todas as expressões sociais, religiosas, políticas e jurídicas que constituem uma classe social de qualquer sociedade organizada. Essas expressões culturais contemporâneas tomaram parte nos desafios políticos iniciados pelo marxismo. Alguns autores aderiram, livremente, às idéias marxistas e criaram uma literatura de cunho social. E aqueles que imaginavam não ter aderido, de certa forma se envolveram, porque não se associar a um mesmo ideal passou a ser definido

como uma maneira de opor-se a ele.

Conforme Lyra (1979), toda obra literária dispõe de uma visão particular do autor: a sua maneira de encarar o mundo, as relações com seu semelhante e as organizações sociais que o regulam. O autor não se colocando contra elas, necessariamente, consente-as e, se revelando ou não, estará assumindo uma postura ideológica. A obra literária parte de um assunto e a intenção do autor é que as suas idéias sejam partilhadas por muitos leitores. Os recursos que o autor utiliza, desde a simples expressão da linguagem ao trato com a forma, revelam o poder da sugestão, de comunicação com seu leitor, de maneira que se promova, no fim da obra de arte, o prazer e a transmissão do conhecimento.

PARTICULARIDADES DA NARRATIVA FOGO MORTO

Segundo Braz & Tarcílio (1998), a narrativa está dividida em três partes, estando cada uma delas centradas num personagem principal: “O mestre José Amaro”, “O engenho de seu Lula” e o “Capitão Vitorino”. O espaço visto, sentido e vivido, intensamente, pelas personagens em **Fogo morto**, símbolo da destruição, reduz-se à ruína dos engenhos de açúcar na várzea do rio Paraíba.

O contexto apresentado em **Fogo morto** é o de uma sociedade açucareira nordestina em decadência. A base da economia funcionava no latifúndio monocultor escravista e toda a produção destinava-se ao mercado externo. Esse sistema se manteve por dois séculos, quase indiferente às transformações tecnológicas que surgiram. Essa situação, no dizer de Braz & Tarcílio (1998), gradualmente, tende a modificar-se a partir do fim do século XIX quando o sistema escravista e o avanço do processo de modernização do país ordenam uma reestruturação dos métodos de produção brasileiro. No aspecto tecnológico, o antigo engenho dá espaço à moderna usina. Quanto ao aspecto político, a força dos coronéis – senhores-de-engenho – tendem a enfraquecer devido ao avanço da modernização que parte do litoral em direção ao interior, embora não cheguem a desaparecer, mas tomam novas formas, abrindo caminhos com a notícia de modernos estilos de vida e de envolvimento políticos.

A primeira parte da história desenvolve-se numa casa humilde em que o trabalho de artesão será apresentado como uma profissão que é desprezada e marginalizada pelos poderosos que compõem o grande contexto da narrativa. Nesse capítulo inicial, tem-se o personagem José Amaro, um remanescente da velha ordem. Seleiro por profissão, Amaro sente-se injustiçado tanto por não ter um filho homem quanto por ter que viver em

companhia da filha solteira. Além disso, está também a sua posição social de homem livre e sem posses. A conseqüência é a indignação, a revolta e a opção pela violência contra a família, sobre a qual recai toda a sua inconformidade.

Entretanto, ao reconhecer sua incapacidade de colocar-se contra o domínio das classes governantes, ordena, coerentemente com seu temperamento, a violência projetada sobre si mesmo e suicida-se com a faca de cortar sola, mesmo instrumento que representava a sua sobrevivência. Não interessavam as diversas intenções e revoltas, a ordem seria mantida. Apesar da tentativa de se quebrarem essas amarras burguesas, o *status quo* permanece, segundo a fala de José Amaro:

Não estou zangado, estou dizendo a verdade. Sou um oficial que não me entrego aos mandões. Quando a gente fala nestas coisas vem logo um pobre como você dizendo que estou zangado. Zangado por quê? Porque digo a verdade? Sou eleitor dou meu voto a quem quero. Não voto em governo. “Votar em quem, seu Medeiros”?, fui lhe dizendo. “Quinca Napoleão é um ladrão de terra. O Pilar é uma terra infeliz, quando sair da mão do velho José Paulino, vai parar na bolsa de Quinca Napoleão” (REGO, 2001, p.58).

Em relação aos três personagens que se apresentam na obra de José Lins do Rego, o coronel Lula de Holanda, na segunda parte da narrativa, conforme a situação social que apresenta é o que melhor encarna o contexto em questão. Casado com a herdeira de um engenho (Santa Fé), figura de requinte e nos “corredores” da alta burguesia. O coronel Lula representa a imagem da decadência e ruína de uma sociedade.

Nessas considerações, pode-se identificar a ideologia presente no discurso e ações do personagem. O coronel Lula de Holanda mostra-se condizente com o sistema. Ter uma boa aparência, frequentar a alta sociedade, melhor colégio para a filha são atitudes burguesas, o que atesta Lins do Rego:

O capitão Lula de Holanda, trepado na sua carruagem, chegava para as missas de Domingo como um príncipe. O povo olhava para aquele luxo com prevenção; viera de Recife com a roupa do corpo e ali parecia que tinha o rei na barriga. D. Amélia, com os dedos cheios de anéis, andava dura como um fantasma. Mas não fosse pedir esmola para a igreja que o capitão Lula de Holanda não daria. Falava-se da sua sovinice como

uma doença. Com todo aquele luxo de carruagem, e matando os negros de fome. O povo de Pilar que se habituara com os potes de mel do capitão Tomás, irritava-se com a somiticaria do novo senhor do engenho (REGO, 2001, p.249).

O enunciado “com todo aquele luxo de carruagem e matando os negros de fome” marca a ideologia do narrador, isto é, o modelo burguês que não se preocupa com os excluídos, evidenciando, dessa forma, o preconceito com a raça negra. Escreve Althusser (1991, p.85), “a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”.

A terceira parte da narrativa trata do personagem capitão Vitorino, vulgo Papo-Rabo, que mostra um idealismo extremo, desconsiderando a realidade social e política em que se insere. Na primeira parte se apresenta de forma grotesca e ridícula o que é destacado por um aspecto deselegante e desequilibrado. Capitão Vitorino eleva-se, na terceira parte, a um autêntico porta-voz de ideais políticos e ideológicos.

O capitão Vitorino, segundo Braz & Tarcílio (1998), é o personagem que acredita ser possível instaurar por meio do voto uma ordem constitucional num meio em que impera, sem grandes resistências, o poder dos coronéis latinfundiários, evidenciando o contexto ideológico em questão:

O capitão Vitorino Carneiro da Cunha era apontado como um cidadão pacato que levava uma surra da força volante, no outro dia apareceu uma retificação. Não levava surra nenhuma. Em luta com o tenente, que procurava humilhá-lo, fora ferido. Reagira à prisão. Toda esta perseguição só podia atribuir às suas atitudes políticas. Estava contra o governo. Pois ficasse o governo certo de que não havia força humana que o arredasse de seu caminho. Ele e todo o seu eleitorado iriam às urnas para salvar a Paraíba dos oligarcas (REGO, 2001, p.329).

Do ponto de vista da narrativa, as diferenças e singularidades em nível social e pessoal, as mulheres que se destacam como personagens em **Fogo morto** buscam todas elas um mesmo ideal: a felicidade familiar. Assim, as expectativas criadas em função do casamento são, primeiramente, a grande motivação que orienta seus caminhos.

A descrição da juventude de Olívia e Amélia se destaca como exemplo ilustrativo característico de uma formação cujo objetivo era o casamento. A fatalidade conduz Olívia a suspender os seus planos. Contudo, Amélia alcança o ideal desejado que significa a concretização de uma longa espera.

Os valores voltados para o casamento e a separação familiar determinam também os percursos de Marta e Neném, as quais, por pertencerem a segunda geração, refletem na própria família, o exemplo que não desejam seguir. Na falta de opções, a solução para os problemas é a fuga da realidade.

A imagem tradicional da mulher que rompe com suas vontades e anseios para satisfazer as normas da sociedade vigente está explicitada por meio da voz masculina que afirma:

Naquele instante Marta fora à beira do rio buscar água. A casa assim sem ela, só com o marido no trabalho, parecia-lhe vazia de tudo. Só a sua filha prendia-a ao mundo. Tudo sofrera calada, como escrava, sem direito a levantar a voz, a dar uma opinião para resolver uma coisa. Às vezes tinha até inveja de sua comadre Adriana, fazendo tudo, dando ordem pela sua cabeça. Apesar de tudo, o compadre Vitorino era humano. Zeca não tinha alma, era aquela segura de pau, aquele falar de raiva, desde que o conhecera (REGO, 2001, p.99-100).

Entende-se que o romance não se coloca numa situação de conformismo pura e simples da mulher em relação à imagem codificada pela tradição, vai além. É notório dizer também que há no texto uma breve síntese das atitudes femininas no transcorrer da narrativa, de maneira a resgatar a imagem múltipla da mulher. A figura de Adriana é um exemplo, acima de tudo, de força e coragem, pois mesmo tendo conhecimento do mundo que a cerca, mostra-se capaz de buscar a reorganização da família quando do retorno do filho em meio à falência do engenho. Marta, no entanto, reaparece dentro de um figurino tradicional como a imagem sublime a ser alcançada, entende e aceita que o papel da mulher é buscar a harmonia no casamento, a passividade e a aceitação dos fatos.

Assim, no momento que vai tecendo e refletindo sobre a mulher, o texto não apenas fala das mulheres fortalecidas, no entanto, conduz o leitor para um questionamento da histórica situação de domínio e exploração por que passa a mulher nos vários contextos sociais e políticos que se apresenta hoje. E aqui se pode destacar uma característica que Coelho (1993) aponta, na nova literatura feminina, não somente a ruptura de valores tradicionais, da imagem padrão, mas também de uma imagem renovada da mulher, que passaria a formar-se por equívocos, ambigüidades, muitas vezes refletidas nas personalidades múltiplas e opostas, porém, mostrada principalmente de maneira humana e do seu tempo.

Mas, uma das maneiras de assinalar a importância da mulher é

contrastá-la com as personagens masculinas, tomando da narrativa a imagem forte de Adriana e opondo-se à figura de capitão Vitorino: ingênuo, fraco e dominado pelos governantes. É, portanto, sintomático que a ideologia feminina seja veiculada por meio de figuras masculinas.

Há também a personagem que bem representa essa oposição de idéias e comportamento em relação à mulher: José Amaro, reportando-se “a figura de homem sensível, introvertido, ao mesmo tempo revoltado e violento e que tem, no romance, um lugar relevante, se interpretado do ponto de vista da ética feminina”. Marginalizado e repudiado pelos senhores-de-engenho é o responsável pelo discurso degradante do texto. É o veiculador de certo discurso em desprezo à mulher, o que fica evidenciado a seguir:

Lá para dentro ouvia-se um gemer de voz, um cantar de ladainha. O mestre Zé Amaro parou um instante, como se prestasse atenção à cantiga.

— Pára com isto, menina! Pára com isto. Não quero ouvir latomia de igreja na minha casa.

— Deixa a menina, Zeca. Vai bater sola.

— É o que sabe dizer esta vaca velha. E levantando a voz num grito:

— Pára isto. Não quero ouvir latomia de igreja. Na minha casa manda o galo (REGO, 2001, p.53).

A figura masculina de José Amaro pode representar assim como principal veiculador da linguagem vulgar e insolente, guinando o texto, muitas vezes, para o palavrão e o ridículo, caracterizando, segundo Coelho (1993), um tipo de transgressão que visa atingir os fundamentos, os valores e as práticas sociais, que caracterizavam a tradição e os costumes.

Outra característica apontada por Coelho (1993) é o rompimento com a concepção peculiar feminina do “eu”, ampliada em nível humano, responsável pela transição de uma literatura lírico-sentimental para uma literatura ético-existencial e da presença da narrativa ficcional mais recente de questionamento do ser e do estar no mundo, de indagações sobre a função a ocupar na sociedade e também de um questionamento político e social.

Mas a ideologia feminina de ostracismo e repúdio ao comportamento do homem parece permanecer. O desenlace inverte perspectivas do início ao final do romance e se entrelaçam no cerco às personagens femininas, remetendo a um mundo ainda dominado pelas perspectivas masculinas e tradicionais.

O ENTRECruzAMENTO DE DISCURSOS: O SOCIAL E A INTENÇÃO CRÍTICA

Segundo Cândia (1969), uma obra apresenta várias situações possíveis de compreensão, conforme o ponto de vista que se detém. Primeiramente, os fatores externos que a propagam no tempo e se designam de sociais. Em seguida, o fator individual, ou seja, o autor, o homem que a efetuou e tem, como resultado, o texto, contendo os elementos anteriores e outros específicos que transcende ao texto.

No caso do romance em estudo, há essa preocupação do autor a fim de que, pela ficção, denuncie a miséria e a exploração de que era e ainda é vítima grande parte da população nordestina. O ponto de vista do qual se parte é o de uma realidade de injustiça e desigualdade social, também a questão do preconceito racial, amplamente focalizado na figura do negro e a presença da ideologia.

O fator individual é evidenciado pelo próprio ambiente, no qual, Lins do Rego refletirá sua obra, a região canavieira da Paraíba num período de transição do engenho para a usina. As recordações da infância e da adolescência, somadas ao registro intenso da vida nordestina de tipos que representam a gama étnica e social da região.

Bosi (1977) afirma que, ao seguir a linha regionalista, Lins do Rego deixa evidente, por meio de um discurso de forte oralidade, o seu apego à terra e à simplicidade do homem nordestino. Em face às transformações que ocorrem na sociedade de um mundo em ruínas, decadente que se desfaz para prevalecer a máquina, ele retoma o caminho da memória e passa a criticar a realidade em questão: as diferenças sociais e a exploração.

A crítica decorre, justamente, do retratar um mundo de contradições sociais, o poder político nas mãos de interventores, a mão-de-obra barata, a miséria e a fome. Todos esses aspectos assinalam, com clareza, o discurso apresentado por Lins do Rego. Desde o início, a narrativa atesta sua circunstância de denúncia, acentuando-se, concomitantemente, a presença da ideologia manifestada na exploração da miséria em que são vítimas os personagens nordestinos por meio de um modelo político injusto, no qual prevalece o poder dos coronéis latifundiários. Os poderosos, no contexto da narrativa, fazem valer suas idéias, seu poder e assim, os despossuídos, sem outra alternativa, submetem-se aos seus interesses.

O aspecto social analisado será o das relações entre os personagens num espaço marcado pelas desigualdades, pelo preconceito e a ganância.

Segundo Bakhtin (1995), o texto literário é parte de um universo de representações ideológicas, mantendo ele mesmo posicionamento diante des-

se contexto. O mundo apresentado em **Fogo morto**, de injustiças e desigualdade, traz consigo também a questão da decadência de uma sociedade, cada família sendo posta em conflito e é nesse aspecto que se inserem características como a loucura e o misticismo.

No plano ideológico, constata-se a atuação de forças sociais diversificadas, desmembradas, a criarem as concepções de mundo que a narrativa expõe a partir de determinadas personagens ditas “desajustadas”, em que a loucura e o misticismo surgem como pano de fundo do romance.

Outro aspecto analisado é também o homem e a paisagem. Certamente a observação se concentra na zona açucareira do nordeste, no momento em que se decompõe essa estrutura tradicional por força de uma nova ordem econômica. Porém, a intenção crítica do autor é buscar também o sentido de humanidade que define a consciência e o sentimento coletivo do homem da região. Da mesma forma que os fatores sociais, a busca da identidade e o desejo da verdade e da justiça incluem-se num discurso que se impõe e se renova.

Observa-se, no trecho a seguir, o exemplo significativo para a concretização da intenção crítica do autor, valorizando o sentido coletivo do homem nordestino:

— Entra para dentro, Vitorino, está muito frio. Ele não respondeu. No outro dia sairia pelo mundo para trabalhar pelo povo. Para ele, Antonio Silvino e o tenente Maurício, José Paulino e Quinca do engenho novo, todos valiam a mesma coisa.

E, escorado no portal da casa de taipa, de chão de barro, de paredes pretas, Vitorino era dono do mundo que via, da terra que a lua branqueava, do povo que precisava de sua proteção (REGO, 2001, p.400-01).

A solução, implicitamente sugerida no texto e materializada na ação do personagem Vitorino, por exemplo, passa pelo respeito a uma ordem jurídica constituída em termos de um liberalismo igualitário, sob cujo manto, todos ricos e pobres, são iguais. Como serão iguais em nível político se, economicamente, o mundo está dividido entre possuidores e despossuídos? Entende-se que o idealismo de Vitorino permanece e permanecerá intato em sua exigência de um mundo justo, igualitário e liberal que dê a todos um lugar adequado e que não impeça a solidariedade entre os homens.

É interessante observar que a valorização da liberdade e a justiça são ideais que regem as ações de determinadas personagens. Nesse sentido, é o que almejam, também, todos os leitores do texto. Todas essas informa-

ções são oferecidas pelos próprios personagens, nos seus discursos e ações, o que vem ao encontro do que Bakhtin (1995) afirma sobre o papel da língua na obra literária, que deixa de ser apenas o material compositivo para construir as noções de herói, das situações que vive e do seu caráter, reconstruindo, assim, o conjunto ético da vida.

CONCLUSÃO

No que concerne, especificamente, à trajetória do homem nordestino espelhado nos personagens retratados na obra, fica aparente que, apesar das transformações sociais e do progresso, ele ainda é alvo do preconceito e da discriminação. De fato, como se depreende do que foi abordado, há no romance uma unificação entre a paisagem e as inter-relações humanas. Tanto José Amaro, com sua força dramática, homem primitivo, com iras de revolucionário e justiceiro; Adriana, mulher corajosa e de personalidade, quanto o capitão Vitorino com sua rebeldia aos “grandes” e seu idealismo democrático convergem para uma multiplicidade de tipos: fortes, vigorosos, com uma intensa realidade interior em busca de justiça e igualdade. São, com efeitos sintomáticos dessa preocupação, figuras e condições como as da mulher, do negro e outros excluídos ou marginalizados da história ou das convenções, bem como de estéticas desvalorizadas pela norma institucionalizada.

Porém, se por um lado, pensar-se que o idealismo é a única exigência de um mundo mais justo diante do poder político e de uma ideologia alienante, esbarra-se na fragilidade que massacra e desfaz toda utopia de um povo. É um ritual tipicamente sem consistência, por outro, há que entendê-lo dentro das próprias perspectivas a que o nordestino estava inserido, como apenas uma forma de mostrar uma aspiração coletiva, transitória, contextualizada num determinado espaço-tempo. E, nesse sentido, talvez se justifique também a ideologia como afirmou Löwy (1993):

... é um conceito crítico que implica ilusão, ou se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante: as idéias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade.

Por meio da análise efetuada na obra **Fogo morto**, de José Lins do Rego, pode-se constatar que existe uma insatisfação do autor em relação às questões que envolvem o governo: a exploração, o domínio e o poder. A partir de um estudo crítico, ele vai se posicionando em busca de mudanças sociais e políticas que só podem acontecer mediante a manifestação crítica e consciente de todo um povo.

Numa concepção humanista, propõe-se uma interpretação fundamentada na justiça social, em princípios éticos de que todo ser humano tem direitos, dignidade, valores. O texto, pois, sugere a crença de poder construir, modificar e encaminhar os interesses comuns, e não de uma minoria. Assim **Fogo morto**, dotado de uma visão social-regional-universalista, dessa forma, coloca em questão sentidos profundos de práticas preconceituosas e discriminatórias que se têm mostrado presente através dos tempos na sociedade brasileira, e exige que a nossa participação seja altamente crítica e responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. (Biblioteca de Ciências Sociais, v.25).
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1995.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOUDON, Raymond. **A ideologia**. São Paulo: Ática, 1989.
- BRAZ E TARCÍLIO. **Literatura e linguagem**. São Paulo: IBEP, 1998. (Nova Visão, v.3).
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Martim, 1969.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- LIBANEO, J.B. **Ideologia e cidadania**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- LÖWY, Michael. **Ideologia e ciência social**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- LYRA, Pedro. **Literatura e ideologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- REGO, José Lins. **Fogo morto**. 55. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.